

"ANDAR ÀS VOLTAS COM O BELO É ANDAR ÀS VOLTAS COM DEUS": a relação de Dom Helder Camara com as artes

SUMÁRIO

“O ARTISTA TEM MEDIDA ESPECIAL PARA OS ARTISTAS” (Prefácio)
Gilbraz de Souza Aragão

A ARTE E AS RELIGIÕES
César Augusto Sartorelli

HELDER PESSOA CAMARA: uma vida em permanente contato com as artes
Lucy Pina Neta
Walter Valdevino do Amaral

“SE EU PERDER O CONTATO COM OS ARTISTAS, NÃO SEREI MAIS EU”: a
marcante sensibilidade de Dom Helder
Helder Remigio de Amorim
Elizabet Soares de Souza Remigio

“A CASA DO BISPO MARCANDO A PRESENÇA DE CRISTO NO MUNDO DA
INTELIGÊNCIA E DA CULTURA”: as noitadas no Solar de São José dos Manguinhos
Newton Darwin de Andrade Cabral
Carlos André Silva de Moura

O MÍSTICO POETA DOS POBRES E DA LIBERTAÇÃO
João Luiz Correia Júnior

O CRONISTA DA CIDADE SONHADA
José Afonso Chaves

O DOM E O CINEMA: entre o pragmatismo e o sonho
Alexandre Figueirôa

UM PROFETA ESCOLHIDO PELO TEATRO
Cláudio Bezerra
Stella Maris Saldanha

VARIADOS TONS DE UM DOM: a intimidade entre Dom Helder e a MPB
Percy Marques Batista

VOZ DOS TAMBORES: a música da Missa dos Quilombos
Silvério Pessoa
Péricles Andrade
Charlisson Silva de Andrade

DOIS MUNDOS E UMA SINFONIA: o apogeu do artista Helder Camara
Cícero Williams da Silva

Prefácio

“O ARTISTA TEM MEDIDA ESPECIAL PARA OS ARTISTAS”

“Unimultiplicidade:
Cada homem é, sozinho,
A casa da humanidade.
Não tenho nada na cabeça
A não ser o céu.
Não tenho nada por sapato
A não ser o passo,
Não faço nada com o passo
Só traço a linha do futuro.
E o futuro tem caminho
Na unimultiplicidade,
Pois cada homem é, sozinho,
A casa da humanidade.
Não tenho nada no Guaíba
A não ser a vida
Não tenho nada nas estradas,
Só uns amigos meus.
Não tenho nada com as águas
Somente o berço original
E esse berço se abraça
Na unimultiplicidade”
(Tom Zé).

Helder Camara foi um homem múltiplo: este livro, organizado pelos colegas Newton Cabral e Lucy Pina Neta – que, em suas pesquisas, dedicam-se à História e às Ciências da Religião – revela uma faceta pouco conhecida na vida do Dom, a sua relação com as artes. E, “como a beleza salvará o mundo”, os capítulos reunidos de pesquisadores sobre as várias interfaces artísticas do Dom, da literatura à música, passando pelo cinema, mostram que esse envolvimento o tornou, ao mesmo tempo, um testemunho de mais humanismo e de outra concepção de vida religiosa.

Convivi um pouco de perto com o Dom por quase uma década, sobretudo na animação do seu Movimento de Evangelização Encontro de Irmãos. Quando penso nele, a maior associação que faço é a um filme de Win Wenders, chamado *Asas do Desejo*, no qual o cineasta-pensador aproxima um olho de “anjo” de uma metrópole. A tela está em preto-e-branco e poderíamos recriar a cena entre nós assim: um trabalhador espera com sua marmitta o metrô depois de um expediente sofrido, a mulher cuida da roupa no apartamento quente e insalubre, o menino assiste a televisão “com a boca cheia de dentes” e aparelhos ortodônticos, hambúrguer e coca-cola.

Então, descobrimos com o filme que muitos “anjos” até já trabalham na cidade e, nas situações-limite, o que fazem é escutar as pessoas e tocar nos seus ombros com delicadeza para que as “asas do desejo” voltem a ruflar. Aí a tela fica colorida, o trabalhador pode voltar para os companheiros e apostar numa comissão para melhorar as condições de trabalho e vida, a mulher pode acreditar na sua capacidade de enlouquecer alguém e buscar, entre as roupas, um espelho para se recompor, a criança pode pular para o pátio e dançar com os colegas uma ciranda mais inebriante do que o “ilariê” e criar com elas um programa mais gostoso do que o abominável *Mcdonalds*.

Quer dizer, dá-se uma passagem mágica de um mundo moderno de pessoas desencarnadas do desejo, enclausuradas em si, para um mundo novo, onde as asas dos “anjos” tornam-se asas dos homens em seu desejo, asas acionadas pelo encontro com o Outro através do Próximo. Quem dera, como Igreja, seguindo o Dom, um bispo que gostava de festa e até de circo, pudéssemos segurar a corda do trapézio, onde as pessoas, “por um fio”, equilibram-se neste mundo, para recuperarem as suas “asas” e conseguirem “dançar a vida” com mais beleza e leveza. Quem dera, como um Povo, passássemos da uniformidade eclesial para a “unimultiplicidade” pastoral e, assim, mais soltos, alcançássemos ouvidos de “anjo” e mãos divinas para tocar em cada pessoa como se fosse a “casa da humanidade”.

Talvez este livro ajude nesse propósito, pois do mesmo jeito que se conta a história de Jesus sem que se atente para um perfil possível de menino rindo e dançando nas festas de casamento do seu tempo, sem que se perceba que o seu primeiro milagre foi justamente providenciando vinho para animar uma celebração dessas, a ética que Dom Helder encarnou é pintada em muitos tons de cinza, sem atenção para o colorido estético que a revestiu e inspirou. Ele nasceu na ensolarada capital cearense em 1909, em uma família de treze filhos. Sua mãe era professora primária e seu pai era guarda-livros em uma grande empresa. Desde pequeno desejou ser padre e, como tal, aos vinte e dois anos, assumiu o desafio de ser um sinal da boa notícia de que a vida é melhor com o descentramento das pessoas, de ser um instrumento para a experiência de que homens e mulheres podem ter uma vida boa arriscando-se a se tratar como irmãos e irmãs.

Empenhou-se na organização da Juventude Operária Católica, assumindo paralelamente a assistência da Liga dos Professores. Logo compreendeu que não se evangeliza em abstrato, nem se salvam apenas almas; mas que Deus fala e se dá a seres humanos concretos, aqui e agora, e que “no Nordeste Cristo se chama Zé, Antônio e

Severino”. Compreendeu igualmente que não se trata de trazer o mundo para a Igreja, no intuito de construir uma grande seita universal, e, sim, de colocar a Igreja no meio do mundo, abrindo-a ao serviço da emancipação integral das pessoas, a começar pelas excluídas e marginalizadas. “Claro que amando a todos, devo ter, a exemplo de Cristo, um amor especial pelos pobres”, disse o Dom.

Foi transferido para o Rio de Janeiro em 1936. Ali, mostrou-se bastante envolvido com os problemas sociais e a vida dos morros e favelas. Em 1952 tornou-se bispo auxiliar e trabalhou pela construção da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, que desenvolveu um modelo de Igreja que seria proposto na década seguinte pelo Concílio Vaticano II (1962-1965). Como padre conciliar, marcou presença ao organizar o chamado grupo dos “bispos pobres”, preocupados com os problemas do Terceiro Mundo e sua população.

O Concílio revalorizou a Bíblia e a pregação no culto, autorizou a língua local e a comunhão nas duas espécies, a participação ativa da comunidade, o reconhecimento do laicato como Povo de Deus nos conselhos paroquial e diocesano, a inclusão do Papa na colegialidade dos bispos, o respeito às Igrejas locais e nacionais, promoveu o reconhecimento dos direitos humanos e da até então condenada liberdade de religião e consciência, a afirmação do ecumenismo e nova relação com os judeus, o islã e as outras grandes religiões, além de uma nova atitude frente à ciência e às artes, o progresso e o mundo moderno.

Em meio a esse movimento cultural e espiritual, despojado das tradicionais vestes episcopais, com aparência frágil e palavra forte, o Dom virou símbolo de um outro jeito de ser Igreja: a Igreja dos pobres. Compreendeu que ela é, no mundo, a consciência do que o mundo pode ser, enquanto encarnação da amorosidade cósmica, que traz saúde e salvação. Nomeado arcebispo de Olinda e Recife, chegou em 1964 e aqui enfrentou com coragem e firmeza o ideal de justiça e paz, com espírito de caridade, unido às necessidades do povo. Dom Hélder enfrentou problemas com os militares e por estes foi batizado de “bispo vermelho”.

A vida fez Dom Helder amadurecer na dura percepção de que dificilmente se exerce a função de profeta da partilha, sem fazer desabar sobre si a intolerância e a perseguição dos poderosos: “quando dou pão aos pobres, chamam-me de santo, quando pergunto pelas causas da pobreza, me chamam de comunista”. E tal compromisso político, ousado e sofrido, se apoiava na mística convicta de que “a missa é o ponto alto do dia” e de que nela “a gente se põe em contato com as inquietações, as dores e os

sofrimentos da humanidade, para apresentá-los ao Pai, através de Jesus Cristo, sacerdote da imensa missa sobre o mundo”.

Mesmo emérito, o Dom continuou no Recife até sua morte, em 1999. Era tão grande sua aproximação à dor dos pobres e miseráveis, que se torna incompreensível enxergar a leveza e a delicadeza, a alegria e a esperança que marcavam seu semblante, sem nos depararmos com o Cristo que vivia nele. Sua vida reflete, a partir de uma profunda intimidade com Jesus, a força que o movia a viver. A compaixão era o seu modo de viver e de ser. E, desta maneira, Jesus era presença constante em sua vida.

O Dom testemunhou um divino que se conhece enquanto se realiza entre nós; em uma vida messiânica, uma existência cuidadora e criativa – como se anuncia ser a de tudo que é divinamente ungido. E mostrou que existe uma diferença radical e exemplar entre o culto ou a religião e a mensagem ou memória de um profeta feito Jesus, que não veio fundar uma religião a mais, mas anunciar a possibilidade de se fazer da vida um milagre para a vida dos outros, pelo amor, a partir dos pobres e excluídos deste mundo – o que é uma atitude “mais-do-que-natural”. Isso gera outra equação entre sagrado e profano.

A festa do carnaval, por exemplo, foi muito apresentada à cultura brasileira como uma preparação para o afastamento dos prazeres da "carne". Mas todo aniversário de Dom Helder, no Recife, sempre começou com uma apresentação do Bloco da Saudade e ele está imortalizado em boneco-gigante do nosso carnaval de Olinda, O próprio Dom, que deve virar santo, não apesar, mas por causa disso, revela-nos (em sua crônica "Um olhar sobre a cidade", na Rádio Olinda, de 1º de fevereiro de 1975) uma outra possível relação dessa festa com o sagrado:

Carnaval é a alegria popular. Direi mesmo, uma das raras alegrias que ainda sobram para a minha gente querida. Peca-se muito no carnaval? Não sei o que pesa mais diante de Deus: se excessos, aqui e ali, cometidos por foliões, ou farisaísmo e falta de caridade por parte de quem se julga melhor e mais santo por não brincar o carnaval. (...) Brinque meu povo querido! Minha gente queridíssima. É verdade que quarta-feira a luta recomeça. Mas, ao menos, se pôs um pouco de sonho na realidade dura da vida.

Certamente Dom Helder desenvolveu uma santidade que faz falta à nossa Igreja, à nossa cidade. Acho que ele, feito santo, não iria gostar se alguém fosse lhe pedir um milagre qualquer, mas iria exultar se o seu exemplo de vida fizesse o milagre, por exemplo, de um grupo político criar vergonha e inteligência, realizando saneamento e educação dignos, o que tiraria do povo a necessidade de outros milagres mais básicos.

Reparando, a propósito, na euforia que as aparições de santo provocam, lembrei-me que uma vez o Dom chegou bem atrasado para a missa dominical da manhã, que era celebrada no santuário dos salesianos e transmitida pela Rádio Olinda, com grande audiência, ao que se seguia o nosso programa do Encontro de Irmãos. Então ele foi se desculpar e disse: “quando eu vinha, acabei tendo um encontro com o próprio Jesus Cristo e por isto me demorei”. Enquanto as beatas levantavam as mantilhas e cochichavam: “será que alguma imagem chorou ou o bispo teve uma aparição...”, o Dom arrematou de chofre: “acabei de me encontrar com Nosso Senhor ali na lixeira dos padres, estava lá, catando lixo!”. Coisa de santo.

Essas histórias, que revelam outro tipo de “odor de santidade”, serviram para contextualizar este livro de lindo título: “Andar às voltas com o belo é andar às voltas com Deus”. Dostoiévski foi quem disse que “a beleza salvará o mundo”, mas ele não estava referindo-se apenas ao príncipe Mynski que visita um jovem agonizante e fica com ele até a morte, referia-se também a Jesus crucificado e a quem se imola para diminuir o sacrifício dos outros. Para o místico, como também foi Dom Helder, estética tem a ver com ética e o contrário do belo não é o feio, mas o espírito utilitarista, que usa os outros e lhes tira a dignidade. Isso, hoje, desafia estilista que está mostrando em museu o esplendor cultural do catolicismo porque “a Igreja é rica em moda”, tanto quanto liturgistas que pensam enriquecer a própria liturgia cristã com os adereços ricos e trejeitos “sofisticados” da cristandade de antanho, confundindo estética com cosmética, ética com etiqueta.

Mas vamos ao livro: no primeiro capítulo, “A arte e as religiões”, César Augusto Sartorelli faz um percurso panorâmico que remonta à Pré-história, e destaca formas de visualização de tal relacionamento desde os vestígios arqueológicos, passando por representações espiritualizadas de seres humanos, em civilizações antigas e clássicas, até chegar nas modernas e contemporâneas. Basta que nos lembremos da música, que tem um papel fundamental nos rituais, evocando transes em que o eu é transcendido em nome de algo muito mais amplo. Pitágoras descobriu uma relação matemática entre som e harmonia, mostrando que os sons que chamamos de harmônicos obedecem a uma relação matemática simples. Som, forma e número foram unificados no conceito de harmonia, unindo o homem com o restante do cosmo por meio da arte como veículo de transcendência.

A seguir, Lucy Pina Neta e Walter Valdevino do Amaral, em “Helder Pessoa Câmara: uma vida em permanente contato com as artes”, discutem o gênero biografia,

uma vez que a finalidade do capítulo é destacar aspectos da vida do Dom em sua relação com as artes, a partir das três grandes fases cujos referenciais são as cidades onde viveu em sucessivas etapas de estudos e trabalhos: Fortaleza (1909-1936), Rio de Janeiro (1936-1964) e Recife (1964-1999).

Depois, em “ ‘Se eu perder o contato com os artistas, não serei mais eu’: a marcante sensibilidade de Dom Helder”, os autores Helder Remigio de Amorim e Elizabet Soares de Souza Remigio escrevem, sobretudo, a partir da fase recifense da atuação helderiana. Mostram que, mesmo na situação adversa dos tempos de ditadura, o arcebispo manteve contato com os artistas e sempre os apoiou em suas iniciativas, pois, para ele, as artes favoreciam o diálogo entre a Igreja e a sociedade e, simultaneamente, contestavam a ordem vigente.

No capítulo “ ‘A casa do bispo marcando a presença de Cristo no mundo da inteligência e da cultura’: as noitadas no Solar de São José dos Manguinhos”, Newton Darwin de Andrade Cabral e Carlos André Silva de Moura buscaram um único recurso documental: os registros existentes nas Cartas Circulares que Dom Helder escrevia nas madrugadas. Daí o texto conter uma discussão acerca da importância de correspondências como fontes para a história, estudando algumas questões relevantes: as preocupações do arcebispo em ampliar o uso do palácio episcopal por diversos segmentos sociais, entre eles, os intelectuais; os temas que eram abordados naqueles encontros e as pessoas envolvidas; as justificativas do arcebispo acerca da validade dos esforços empreendidos e algumas críticas que foram feitas à iniciativa; e, por fim, a análise de motivos que conduziram à finalização das noitadas.

Em “O místico poeta dos pobres e da libertação”, o autor, João Luiz Correia Júnior, explora o veio poético de Dom Helder Camara que, na sua produção literária, recorreu aos versos como uma das formas de interpelar situações existentes e disseminar visões alternativas de mundo. Também alicerçado nas Cartas Circulares, no texto são apresentados e analisados alguns poemas da lavra helderiana, a partir de três aspectos que caracterizaram este viés do escritor arcebispo: a mística; a opção pelos pobres; a mensagem poética da libertação.

No capítulo “O cronista da cidade sonhada”, José Afonso Chaves faz rápida explanação acerca deste gênero literário e, após destacar dados da produção do cronista Helder Camara, e de como parte dela foi dada a conhecer ao público em programa radiofônico e publicações, foca sua reflexão na crônica “Mocambos: Cristo na lama”, escrita a partir da realização do roubo do sacrário de uma igreja do Recife que resultou

em irem as hóstias consagradas parar na lama. Em decorrência, Dom Helder fez uma correlação com a situação dos muitos arquidiocesanos que vivem na lama e vislumbrou o sonho de uma nova cidade. A crônica está analisada a partir de movimentos e conceitos da leitura figural do processo histórico proposta pelo romancista alemão Erich Auerbach.

Em “O Dom e o cinema: entre o pragmatismo e o sonho”, Alexandre Figueirôa também usa os volumes já publicados das cartas circulares como fonte. Destaca que o cinema era, para Dom Helder, tanto um elemento possibilitador da aproximação entre os homens e uma espiritualidade fundada nos valores cristãos, quanto uma ferramenta potencializadora da difusão dos ensinamentos da Igreja e da disseminação de mensagens em prol da justiça. São destacados o papel do cinema e da comunicação na vida religiosa, bem como do cinema como fonte de reflexão e alegria. Comentários feitos pelo arcebispo acerca de filmes a que assistia também estão presentes, notadamente sobre “O Evangelho Segundo São Mateus”, de Pier Paolo Pasolini, “Agonia e Êxtase”, de Carol Reed, “Zorba, o Grego”, de Michael Cacoyannis e “Mary Poppins”, de Walt Disney.

Ao que narra o autor do capítulo, acrescento uma história: uma vez Dom Helder levou a meninada de sua obra social nos Coelhoos para assistir no São Luiz ao filme “E.T. o extraterrestre”. Quando saiu da exibição das peripécias daquele personagem cabeçudo, um menininho agarrado à sua batina confessou: “gostei muito do E.T., porque ele parece com o senhor”. E o Dom disse que ficou com medo de perguntar se era por causa da sua cabeça de cearense ou porque ele também transparecia bondade análoga ao do ser extraterrestre.

No capítulo seguinte, “Um profeta escolhido pelo teatro”, Cláudio Bezerra e Stella Maris Saldanha visaram a evidenciar que na relação entre Dom Helder e o teatro deu-se uma mudança no conteúdo de uma frase muito repetida pelos que se dedicam às atividades teatrais: “eu escolhi o teatro, mas ele também me escolheu”. Os fatos elencados no texto conduzem à certeza de que Dom Helder escolheu o sacerdócio, mas foi escolhido, desde tenra idade, pelo teatro. Assim, são revistos elementos dessa aproximação: menino, era levado pelo tio (diretor de teatro) para assistir a ensaios de peças, tornando-se apreciador e leitor de dramaturgos, incentivador de Grupos de Teatro e de apresentações – inclusive cedendo espaços do Palácio dos Manguinhos para encenações. Revelam, ainda, ter sido ele autor – uma vez que escreveu um Auto (inédito) – e culminam suas análises com a constatação de que, ceifadas estas

possibilidades, após sua morte Helder Câmara tornou-se personagem: dois espetáculos já foram montados levando aos palcos aspectos da trajetória do arcebispo.

Percy Marques Batista escreve sobre “Variados tons de um Dom: a intimidade entre Dom Helder e a MPB”. A condição de prelado católico e as cidades nas quais assim atuou, o Rio de Janeiro e o Recife, são destacadas, pelo autor, como elementos propiciadores da proximidade que Dom Helder estabeleceu com a música, expressão artística na qual via refletida a alma do povo. Ouvinte assíduo, ia a shows, promovia encontros para audições e discussões e escrevia, em suas Cartas Circulares, numerosos comentários acerca das férteis produções componentes da Música Popular Brasileira. O texto enfatiza canções que fizeram parte dos antigos festivais promovidos por emissoras de televisão e, aos comentários do Dom, são acrescentadas curiosidades acerca de aspectos do processo composicional das músicas citadas. O texto torna evidente uma grande identificação – quase predileção, embora não exclusiva – do arcebispo para com as composições de Chico Buarque e, muito especialmente, com os sentimentos de esperança existentes em canções como “Pedro Pedreiro” e “A Banda”.

Em “Voz dos tambores: a música da Missa dos Quilombos”, Silvério Pessoa, Péricles Andrade e Charlisson Silva de Andrade comentam que, no seu governo à frente da Arquidiocese de Olinda e Recife, Dom Helder não apenas participou diretamente de iniciativas no campo das artes, ele também propiciou que, nela, acontecessem significativas celebrações litúrgicas; algumas, fazendo intenso e eficaz uso de manifestações artísticas, alcançando dimensões que as tornaram odes à liberdade e libelos a opressões nas quais a Igreja teve graus de cumplicidade. Este foi o caso da Missa dos Quilombos, celebrada no pátio da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, com a presença de bispos do Norte e Nordeste do Brasil, que teve em Milton Nascimento o intérprete de sua música, cujo conteúdo é analisado pelos autores, a partir do viés do silêncio teológico sobre a escravidão e das atuais discussões acerca de uma Teologia Negra. A “Invocação à Mariama”, da homilia de Dom Helder, é destacada no texto.

Finalmente, no capítulo “Dois mundos e uma Sinfonia: o apogeu do artista Helder Camara”, Cícero Williams da Silva analisa percepções do Dom, tais como a busca pela clareza acerca de quais eram as mais perniciosas fronteiras na separação da humanidade em blocos antagônicos: a primeira, e mais conhecida divisão, recaía na questão ideológica, opositora do leste socialista ao oeste capitalista; a segunda, de viés econômico e social, delimitava divisões entre o norte rico e o sul pobre. Convencido do maior poder letal desta última, o arcebispo dedicou-se a pregar a necessidade da sua

superação e sonhou um mundo justo e harmônico em suas diferenças. Instado pelo músico suíço Pierre Kaelin, aceitou à proposta de uma Sinfonia que sintetizasse suas principais ideias e, assim, surgiu a “Sinfonia dos Dois Mundos”, formada por seis movimentos sonhados pelo Dom, que recebeu arranjos musicais compostos para solistas, recitantes e coros, acompanhados de grandiosa orquestra, cujo conteúdo é brevemente analisado. Esta obra é considerada ápice na análise do Helder Camara artista.

Para finalizar, e provar que o Dom era artista mesmo, partilho a surpresa que tive quando da publicação (no Diário de Pernambuco de 7 de maio de 2000) da carta que Helder endereçou ao amigo Jerônimo Podestá, bispo casado, e sua esposa Clélia. Trata-se de uma declaração de três sonhos que o Dom tinha em outubro de 1981 (então com 72 anos e às vésperas de aposentar-se da diocese). O primeiro sonho era de, como Igreja, colaborar na integração latino-americana, para ajudar os pobres desses países irmãos a conquistarem independência econômica e cultural.

O segundo sonho era de tornar possível – nem que fosse “ajudando da Casa do Pai” – a realização do Concílio de Jerusalém II, para transformação da Cúria Romana, de modo a tornar-se, efetivamente, serviço à colegialidade episcopal e à corresponsabilidade de todo o Povo de Deus, para “libertar-se da engrenagem do dinheiro e da tentação de prestígio, e viver o anúncio da Boa-Nova com salvaguarda efetiva das culturas, no meio das quais o Espírito de Deus sempre semeou verdades cristãs que se ignoravam”. Até aí, por mais escândalo que isto já provoque, tudo bem: era de se esperar do velho Dom. Mas vejam o terceiro sonho:

“... diálogo autêntico com os mundos dos mundos: nós sabemos que a galáxia a que pertencemos está longe de ser das maiores. Nosso Sol, que nos parecia imenso, é de sexta ou sétima ordem. Nossa Terra é poeira na cavalgada dos Astros. Como cristãos, jamais esquecemos que o Filho de Deus se encarnou em nossa Terra, pequenina e humilde. Mas como insistir em pensar que o Criador, infinitamente sábio e poderoso, criou bilhões de estrelas, milhões de vezes maiores do que a Terra, só para ficarem a enormes distâncias cintilando para a alegria do olhar humano! Será orgulho absurdo pretender que a vida e sobretudo vida inteligente e livre somente exista na Terra. Deve haver, nos mundos dos mundos, Vida no nível da nossa, Vida abaixo e Vida acima do nível da nossa. O problema para a criatura humana seria atingir mundos tão distantes...”.

E o Dom sai por aí sonhando em se relacionar com outros mundos: “ainda hoje, há quem duvide da descida do homem na Lua. Há quem diga que se é verdade (a chegada à Lua) é sinal do fim do Mundo, quando ainda estamos no primeiro dia da

Criação”. E ainda arremata: “pretendo entrosar-me, sempre mais, com especialistas em Astronomia e em Astronáutica, em Astrofísica, em Astroquímica, em Astropolítica, para ajudar a trazer a Igreja de Cristo em dia com a marcha do sonho número três”. Eis, portanto, um estímulo para o nosso diálogo com a cultura e com tudo deste mundo – e até dos “outros mundos”. E as artes e seus autores são caminho privilegiado para esse diálogo, pois o próprio Helder já atestara, em sua 154ª Carta Circular, de 1965: “confirmo-me na esperança de que o Artista tem medida especial para os artistas”.

Dr. Gilbraz Aragão
Professor dos Programas de Pós-graduação
em Ciências da Religião, e em Teologia, da UNICAP